

BASTOS TIGRE, FILATELISTA

Helios Bastos Tigre

Quando meu pai se iniciou na filatelia, quando começou a "fazer selos", como dizia a minha mãe, eu era apenas um menino. Isto foi lá pelos anos vinte.

Um dia começou a aparecer lá em casa, aos sábados e aos domingos, um espanhol, o Carrera, sobraçando albuns, "cuadernos" e um catálogo Yvert-Tellier. Noite a dentro, debruçados sobre os selos, o Velho e o Carrera conferiam picotagens e marcas d'água no filigranoscópio, nome que eu achava complicadíssimo. O espanhol veio para o Brasil tentar a sorte, mas acabou vendendo selos a tostão o Franco.

O velho me chamava para lavar os selos n'um godet de ferro esmaltado e a secá-los em mata borrão, artigo que as esferográficas liquidaram de vez.

Bastos Tigre era um filatelista minucioso e perfeccionista. Considerava um "pecado" pegar nos selos com a mão, mesmo que fossem da "emissão vovô" e sentia prazer em enrolar, na ponta da pinça, qualquer selo aminci, ou com de feito na picotagem, o que considerava como um serviço prestado à filatelia.

Ele "curtia" cada selo, não só pela sua expressão filatélica, como por tudo mais que transmitia sob o aspecto artístico, cultural, histórico ou mitológico, discorrendo sobre as efígies e as alegorias de cada um. Quanta coisa aprendi com meu pai, atravez dos selos ! Lembro-me que antes mesmo de me ensinarem, na escola, o sistema monetário inglês, eu já sabia que uma libra tinha 20 shillings e um

shilling 12 pences, quais as moedas da Finlândia, da Grécia, da Turquia, da Rússia, da China e da Índia. Foi através dos selos da Suíça e não nos livros, que conheci a história do Guilherme Tell; que pela primeira vez ouvi falar, dos reinos da Servia, da Bósnia e da Herzegovina e que fiquei sabendo da existência das Esfinge, das Pirâmides do Egito e da Confederação do Equador.

Bismark, Maximiliano, Pasteur, Virgílio, Simon Bolívar e Bartolomeu de Gusmão se tornaram, graças aos selos, personagens familiares, cuja história eu fui aos poucos aprendendo, sem a aridez dos compendios. No colégio, fazia bonito, chegando até a adquirir fama de menino precoce, que já sabia uma porção de coisas, antes da professora ensinar.

Tão convencido estava Bastos Tigre do poder educativo da filatelia que chegou a propor, ao Diretor do Ensino da Prefeitura, a sua introdução, no currículo do primário e do ginásio, pois os selos mostram, como uma história de quadrinhos, a geografia, a economia, a fauna, a flora, os heróis, as guerras, os pintores, os músicos e os cientistas de cada país. Começou até a organizar uma História da Civilização, inspirada nos selos.

Recentemente, no Clube Filatélico, conversando com HUGO FRACAROLI (notem que escrevi seu nome com todas as letras maiúsculas), ele lembrou ter sido Bastos Tigre o primeiro filatelista brasileiro a fazer uma coleção temática: O tema era a Agricultura.

Meu pai nunca foi um grande filatelista. Namorava os Olhos de Cabra, mas nunca sobrava dinheiro para comprar um.

Mas foi um filatelista "crente", estudioso, assíduo frequentador do Clube Filatélico do Rio e membro de sua Diretoria. Partiu dele a proposta de que o Clube assistisse aos herdeiros dos filatelistas, ajudando-os a vender as coleções por preços justos e um dos batalhadores da aquisição da sede própria do Clube.

Como poeta, não podia deixar de dedicar, aos selos, um lampejo de sua inspiração, neste soneto dedicado à filatelia